



D. QUIXOTE

NA EXPOSIÇÃO
DE PECUARIA



SANCHO — *Immortales, este a de Balaão, o da fuga para o Egypto e o de Buridan. Apenas quatro!...*



GRITANDO E SPALHADO POR TODA PARTE

CARNET DO CARIOCA ECONOMICO

COMO JANTAR BEM?

*In do ao Restaurant
SUL AMERICA. — Rua
Sete de Setembro n. 86.*

ONDE VESTIR BEM OS
MEUS FILHOS?

*Na CASA COLOMBO.
— Rua do Ouvidor*

ONDE COMPRAREI BOAS
JOIAS?

*Na LA ROYALE.
— Avenida Rio Branco
n. 150.*

ONDE VESTIREI COM
APURO
E ECONOMICAMENTE?

*Na CASA KOSMOS.
— Rua Gonçalves Dias
n. 4, sobrado.*

QUAL O MELHOR CAFÉ?

PAPAGAIO
*Rua Gonçalves Dias
n. 14*

ONDE COMPRAR LOUÇAS
E CRYSTAES?

CASA LANÇÃO
Rua da Assembléa n. 44

COMO CALÇAR COM
ELEGANCIA?

*Comprando n'A PRI-
MAVERA. — Rua Sete
de Setembro n. 45.*

ONDE COMPRAREI BOAS
CAMISAS?

SOARES & MAIA
*Rua Gonçalves Dias
n. 33.*

QUAL O MELHOR SABÃO
PARA A PELLE?

O ARISTOLINO
*Depositarios: Araujo
Freitas & C.*

ONDE COMPRAREI UM
BOM CHAPÉO?

*Na Chapellaria Alberto
Rua Gonçalves Dias, es-
quina de 7 de Setembro*

QUAL O MELHOR
CHOCOLATE?

BHERING
*Rua Sete de Setembro
n. 103.*

QUAL O MELHOR PÓ DE
ARROZ?

*DORA. — Orlando Rangel.
Avenida Rio Branco, 140.*

QUEREIS
BELLAS GRAVATAS?

*Ide á CASA AVENIDA.
— Avenida Rio Branco,
128. — Edifício do "Paiz".*

ONDE COMPRAREI BOA
MANTEIGA?

*Na LEITERIA LEO-
POLDINENSE. — Rua da
Quitanda n. 63.*

COMO CONSERVAR O
MEU CABELLO?

*Usando o PILOGENIO
Drogaria Giffoni — Rua
1. de Março n. 17.*

ONDE COMPRAR BONS
COMESTIVEIS?

*Na CASA LOPES
FERNANDES. — Ave-
nida Rio Branco n. 138.*

ONDE TOMAR UM
APPERITIVO?

POINT CENTRAL
Avenida Rio Branco

ONDE OBTER OS MELHO-
RES ARTIGOS DE OPTICA?

*Na CASA VIEITAS. —
Rua da Quitanda n. 99.*

COMO CONSERVAREI OS
MEUS DENTES?

*Usando a afamada
pasta « Couraça ».*

Typographia Nacional

SOARES DE SOUZA & C.
Rua D. Manoel, 30 Tel. 4327 Cent.

QUEREIS UM LIVRO
BEM ENCADERNADO?

*Ide ás officinas de ALA-
MITHE PINTO & C. —
Rua da Misericórdia 26.
Tel.: 145, Central.*



23 DE MAIO - 1917

SEMANARIO DE GRAÇA... POR 200 RS.

AS QUARTAS-FEIRAS

DIREÇÃO DE
D. XIQUOTE

Officinas e escriptorio (interino)

30, RUA D. MANOEL, 30

TELEPHONE

QUATRO -- TRES -- DOIS -- SETE -- CENTRAL

(4327 CENTRAL)

CAIXA POSTAL 447

ASSIGNATURAS

Anno. . . 10\$000 - Semestre 6\$000

AVULSO

Capital. . . 200 rs. Estados. . 300 rs.

COLLABORADORES (NESTE NUMERO)

PENNA:

Emilio de Menezes, Humberto de Campos, Antonio Torres, Nicoláo Ciancio, André Dumanoir, e Bastos Tigre.

LAPIS:

Julião, Raul, Calixto, Helios, Madeira de Freitas, George Bloow, Bambino, Nery e Corrêa Dias.

RIO DE JANEIRO

A pagina dos Neo-Humoristas

D. Quixote valorisa o bom-humor

*Graça é dinheiro!
Dinheiro não é graça!*
(SANCHO-PANÇA.)

No intuito de desenvolver em nosso paiz de poetas e prosadores tristes o gosto pela literatura de bom-humor, *D. Quixote*, á semelhança das revistas humorísticas europeas e norte-americanas, inicia, a começar do seu numero de 6 de Junho, uma secção para os amadores do humorismo.

Na pagina dos Neo-Humoristas serão publicadas anedoctas originaes, commentarios politicos, sociaes ou literarios, satyras individuaes, etc.

Cada trabalho nesse genero não deverá exceder de 10 linhas impressas—largura de meia pagina.

Taes contribuições deverão ser originaes, ter graça e não conter offensa pessoal nem idéa obscena.

« POR TRABALHO PUBLICADO
D. QUIXOTE PAGARÁ 3\$000».

Os trabalhos deverão vir assignados por um pseudonymo e acompanhados de um envelope contendo o nome do autor, e, escripto por fóra, o mesmo pseudonymo.

A postos, neo-humoristas! *D. Quixote* bate-se pela valorisação do SAL!



Na Exposição Agro-Pecuaria, á rua General Canabarro, vimos, expostos, os mais bellos exemplares da fauna politica.

Havia um intendente eleito por quem a Light offeracera 200\$000. Um outro, notavel por ter apenas dois dentes estava cotado em 200 contos. Um intendente com dois dentes apenas!—que maravilha—Um terceiro apresentava o rarissimo phenomeno de ser absolutamente mudo, não offerecendo, portanto, o perigo de fazer discursos.

O que, porém, mais chamou a attenção dos visitantes foi um varão assignalado que pretende ser, no futuro Conselho • campeão da limpeza publica da cidade.

Esse vae ser adquirido pela *City Improvements*, que já offereceu por elle uma grande somma, parte em ouro e parte em papel... hygienico.

N. da R. — Depois de composta esta chronica é que verificamos ter o seu autor confundido, deploravelmente, a Exposição de Pecuaria com a eleição Municipal. E' tarde. Ponha o leitor os bichos em seus lugares, ou, deixe-os como estão o que será talvez melhor.

Obrigado, meu povo

Apesar de já havermos agradecido antecipadamente aos nossos illustres collegas de imprensa as palavras carinhosas com que imamos ser recebidos, voltamos, *post-factum*, a curvar a nossa durindana deante das phrases de requintada gentileza com que foi saudado o nosso primeiro numero.

Gratissimos aos nossos nobres collegas, como se diz no Monroe, sem a sinceridade com que o dizemos aqui.

Eleições Agro-Pecuarias

As eleições municipaes e a Exposição Agro-Pecuaria encheram os sete dias de gestação deste numero.

Pelas paredes e pelos postes de toda a cidade appareceram, em profusão, impressos em typos gordos cartazes de candidatos ao Congresso da cidade: "Para intendente—o Dr. Caracú; para intendente—o Coronel Zebú—Para intendente o Bode que dá leite..."

Foi um successo! Eleitores que jamais haviam saído de casa para depositar na urna o voto inutil, correram a alistar-se para colaborar na defesa da autonomia municipal.

Um boi intendente! que magnifica idéa para resolver o velhissimo problema do Matadouro Modelo!

Um "bode que dá leite" no Conselho! mas que achado para o problema lacteo que tanto dá que fazer ao dr. Hernani Pinto e que fez o sr Leite Ribeiro—por sentir a incompatibilidade entre os seus dois nomes lacticianamente falando, abrir mão do seu mandato de intendente!

Galos e galinhas, porcos e cavallos de raça, bodes e carneiros, toda a fauna hecterodita de Minas uberrima e do uber-rimo Rio Grande do Sul irá encher a *Menagerie* do Largo da Mãe do sr. Bispo, com os seus cocoricos, os seus rinchos os seus balidos, os seus berros!

Querem todos ser intendentes.

Pois que o sejam, para felicidade do Municipio que delles tem de esperar a mais patriotica e efficientes collaboração.



A consulta



Dois de pãos. Isto quer dizer que para dirigir a Política V. Ex. tem de reduzir o resto do ministerio às proporções desta carta.

— Sinão...

— A carta será V. Ex. nas mãos da Política.

Nos varaes da Política

O sr. José Bonifacio, chegando de Barbacena, foi procurar o mano *leader* e exclamou afflicto:

— O que é isto, Antonio? Pois estães morando no Hotel do Globo!

— Filho, é preciso honrar a tradição: é a rua dos Andradas.

(A estatua do largo, com bronzeo esforço, voltou costas para a rua).

Sala do café, no Senado.

Uns senadores, já em idade de fazer *pendant* com o edificio, entendem que o Senado é a ultima conquista politica. Os que para lá entram não devem ter mais aspirações.

O sr. Victorino, que tem perversidades até na medulla, acode a dizer:

— Pois, não, senhores: ha aqui dentro muita gente que ainda tem aspirações.

— Ha? Indaga, incredulo o sr. Urbano.

— Certo. Olhem: o Bueno aspira a presidencia de Minas, o Soares aspira a presidencia do Rio Grande, o Azeredo aspira retomar Matto Grosso, o Bulhões aspira qualquer coisa em Goyaz, o Ruy aspira uma embaixada, um terço dos senadores aspira a reeleição...

Nisto passa o Raymundo de Miranda *aspirando* um vidrinho de saes amoniacaes.

Parasitas

A maior colleção de parasitas do Brazil, diz um vespertino, encontra-se na chacara da Bóa Sorte, na Bahia.

Como estavamos enganados! Até hoje suppunhamos que a maior colleção de *parasitas* do paiz estivesse na casa — não na chacara — da Bóa Sorte, num extremo da Avenida Rio Branco, com succursal na rua do Areal.

Informam de Maceió que ali ainda não começou o alistamento eleitoral por falta de expediente.

Muito atrazada em politica a terra do Sururú!! Pois ainda por lá não se arranjam expedientes á mão para cavar um alistamento e até a eleição inteirinha?

Mandem ao Rio quanto antes buscar um instructor.

O partido autonomista está cavando — diz a Rua.

— Cavando o que?

— Covas, naturalmente.

— Para desenterrar eleitores?

— E para enterrar novos...

O Senado sem nada...



O Senado promette este anno uma sessão calma e suavissima; os casos estadoaes serenaram de todo, deante da ameaça da guerra internacional.

Era de esperar; as ambições pessoaes devem cessar quando os destinos da Patria estão em cheque. Assim, os venerandos pares da Camara Alta ganharão em socego o seu rico subsidio, aguardando a undecima hora para a votação dos orçamentos.

O Sr. Pires Ferreira organizará um *liro* de reserva sob a sua direcção para instruir os collegas, que em caso de guerra pegarão em armas e bagagens, tendo a frente a servir de trincheira os Srs. Lopes Gonçalves e Raymundo de Miranda. Enquanto pachorrontamente, na sua curul vice-presidencial o Sr. Azeredo, aguardará que o interventor Matto Grossense acabe de catechisar os selvicolas revoltados do Sr. Caetano de Albuquerque e possa voltar a assumir daqui, da sua mesa de pocker, a posse mansa e pacifica do seu feudo.

Um verdadeiro seio de Abrahão, como se vê...



conclusão
Rio

O fazedor de ministros



Este é o D. Pedro Moacyr,
Um parlamentar de luxo,
Que é maragato e é gaúcho
Té o Xico de baixo vir.

Diplomata alto e preclaro
Eil-o que agora surgiu:
Desintroduzindo o Lauro,
O Nilo elle introduziu!

E o Nilo, meio hesitante,
Ao ministerio a subir
Repete em voz supplicante:
Dá-me uma ajuda, Moacyr!

Moacyr entende do officio:
Dá-lhe a ajuda, dá-lhe a mão.
E se aléga o beneficio...
Recebe... uma legação.

O sr. Gustavo Barroso, deputado pela Padaria espiritual do Ceará, está entusiasmadissimo pela idéa da fundação do 1º Regimento dos *Dragões da Independencia*.

O que elle quer com os taes *Dragões* sabemos-lo nós: arranjar umas *dragonas*... já que não conseguiu até hoje obter-siquier as divisas de sargento da «Briosa».

O sr. Salles declarou solemnemente aos representantes das classes conservadoras, de Minas, que não pretende nem pretende a presidencia daquelle estado; o seu candidato é o sr. Arthur Bernardes.

Faz elle muito bem; já que não lhe deram a candidatura do Cattete, mettam no jacá essa fixa de consolação.

Roupa suja parlamentar

Ha dias, dois illustres paes da patria mimosearam-se com reciprocas descomposturas valentes.

O menor que se chamaram foi de mentiroso.

— V. ex. pleiteou a sua eleição para a commissão de finanças! gritava um.

— E' mentira! — V. ex. é que pleiteou a sua para a de marinha e guerra!

— E' mentira.

— V. ex. é um mentiroso!

— Mentiroso é o meu illustre collega!

E afinal de contas a verdade era que ambos diziam a verdade...

Sancho e o amigo eleito

— Já sei que V. foi eleito intendente; espero que seja reconhecido.

— Muito obrigado.

— Não tem de que; eu que é fico gratissimo se o reconhecerem.

— Ora essa! Porque?

— E' que você com certeza vae fazer asneiras no Conselho e me fornece assumpto para piadas no *D. Quixote*.

Realizou-se, domingo passado a eleição para intendentes municipaes.

Foram eleitos todos os candidatos.

E' pelo menos a opinião de todos elles tomados em globo e particularmente cada candidato tem duvidas sobre a eleição dos outros e só responde pela sua victoria.

Na apuração final é que o rebanho dos municipes vae ver a quem dará, desta vez, o pello a tosquia.

Pede-nos o sr. Mario von Doelinger, candidato a intendente eleito, que tornemos publico não ser elle allemão como andam espalhando os seus adversarios.

O seu *von* é a primeira syllaba de von... tade, é vontade de tratar do bem publico municipal.

E os que disserem o contrario que *von* p'ra casa do diabo!

O Mauricio de Lacerda entrevistado pelo *Imparcial*, começou dizendo: «No que respeita aos operarios ha duas questões: a que está em fóco e o problema de sempre.»

Ora bolas. Se a outra questão é o problema de sempre está tambem em fóco. Portanto, só existe de facto uma questão: é a que está em fóco; mesmo porque as que não estão, não estão mesmo.

Ninguém precisa occupar-se dellas.

Ou isso é verdade ou em materia de fócos somos *phocas*.

— Grande homem o Medeiros e Albuquerque! Conseguiu demolir o Lauro Muller e está em caminho de depôr o Schmid.

— E que fará elle depois?

— Arranjará a declaração de guerra.

— E a seguir?

— Irá ao *Credit Lyonnais*.

— E depois?

— Embarcará para a Europa.

Se eu falasse dos outros...



Dos apontamentos históricos apanhados por Lafontaine no ruído mundo dos bichos, o mais aproveitável aos homens é, provavelmente, o que se refere ao Congresso dos Ratos. O relato desse acontecimento deve estar absolutamente certo: nesse tempo ainda não se conhecia a tachigraphia, que só muito tarde foi inventada pelas baratas que se lambuzavam na tinta não havendo risco, portanto, de alteração do pensamento e das palavras alheias, como hoje acontece nas assembleias humanas.

Em certa casa de família abastada, havia um gato ruivo de pés de seda e olhos de ouro, que cumpria intransigentemente os seus honrados deveres de ministro da Fazenda: perseguia os ratazanas e comia, sosinho, o queijo do armário e o presunto da despensa. Ameaçados de fome, de crise de viveres, os roedores realizaram alguns comícios barulhentos, atacando em discursos guinchantes e coléricos o dono da casa, a cozinheira, a copeira, toda a gente, emfim, que não tinha responsabilidade na miséria pública da raria;

e como não se chegasse a um accordo immediato, foi deliberada a reunião de um congresso dos Ratos, no qual se discutisse pratica e theoreticamente o problema.

Foi aberta a sessão. Havia numero. Leu-se o expediente e passou-se á ordem do dia. Os debates foram violentos, mas nenhum orador chamou o outro de ladrão. E como nas discussões dos ratos, como nas dos homens, prevalecem sempre as idéas mais perigosas, foi combinado que, para socego da honrada familia papa-queijo, se amarrasse ao pescoço do gato um chocalho de cobre, o qual, tilintando, denunciaria a presença do inimigo.

—Muito bem! muito bem! — exclamaram todos.

—Agora — diz o presidente — vamos vêr quem irá executar essa missão de prender o chocalho ao pescoço do bichano.

—Eu, infelizmente, não posso! — gritou um — tenho mulher e filhos e, mesmo, ando adoentado...

—Eu tambem não ando bem de saúde...

—Eu, para infelicidade da raça, estou velho demais...

—E eu? eu sou muito novo. Elle me apanharia do primeiro salto!

E ninguém foi!

* * *

Essa historia não se prende, absolutamente, á attitude do Congresso Racional deante da guerra, nem se refere, como talvez se supponha, aos srs. Graça Aranha e Irineu Machado, que nos chamam para as trincheiras da França, apezar de ainda não terem entrado em fogo, elles, que estão mais perto. Se eu me referisse aos homens que fazem leis ou dão conselhos, o caso que me viria á memoria seria com certeza, um outro, que me contaram no Ceará. Certo commerciante de São Bernardo das Russas, cidade cearense a 240 kilometros de Fortaleza, estando para casar-se, chamou uma tarde um antigo tropeiro, e ordenou:

—João, você vae amanhã a capital. D'aqui lá são quarenta leguas. Você ponha a cangalha na burra preta; escanche,

depois, em cima, o jogo de malas e, chegando á cidade, receba na casa da modista para quem vae esta carta, o vestido da noiva. Mas, olhe: você deve estar aqui no sabbado de tarde, senão já sabe!

O caboclo partiu. Chegou a Fortaleza, recebeu a encomenda e, para estar em S. Bernardo no dia determinado; retrocedeu na mesma hora.

O prazo que lhe tinham dado para a viagem era, francamente, curto. O caminho não era bom, e burra era velha e, sexta-feira, á tardinha, faltando ainda dezoito leguas, estava completamente estropiado. Debalde o caboclo, sacudindo o cabresto, lhe mettia o rellho, rogando-lhe pragas: a alimaria reunia as forças, dava um chüto manhoso, e voltava ao mesmo passo cançado.

De repente, appareceu á margem da estrada uma palhoça de lavrador. João bateu:

— Oi, de casa!

— Oi, de fóra!

E surgiu á porta de esteira um sertanejo cobreado, dando as «bõas-tardes».

O viajante, que era mais ou menos conhecido por ali, perguntou se não havia um cavallo, um burro, um jumento que lhe alugassem. O dono da casa não tinha mas, sabendo do compromisso do tropeiro ensinou-lhe, depois de reflectir um pouco, um remedio:

— Olhe, ali de traz têm uma pimenteira. Está encarnada de pimenta. Você péga uma porção d'ellas, machuca num caco, faz uma bolota de panno, e... e... passa!

O João accitou o conselho: machucou as pimentas, enrolou alguns molambos á ponta de um pau, e... passou.

Passou, e despediu-se.

D'ahi a pouco, a burra começou a augmentar a marcha. Momentos depois, principiou a chotear; e, finalmente, largou, de malas ás costas, numa furiosa carreira pelo caminho em fóra.

O caboclo, a principio, seguro á ponta do cabresto, acompanhou o quadrupede. Quando, porém, este abalou a carreira desbragada pela estrada silenciosa, não houve mais recurso: estava cançado, estava estropiado tambem. Mas, recordando-se que tinha promettido estar com o animal em São Bernardo das Russas, e este se podia transviar com a roupa da moça, reuniu, num supremo esforço, todas as suas energias de intelligencia e de corpo, arrancou, num movimento rapido, o cinturão de couro, e... fez em si mesmo o que havia feito com a burra!

E largou-se tambem, pelo caminho soturno, numa carreira desenfreada...

* * *



Esta ultima historia, que contém um sabio conselho ao Sr. Irineu Machado, ao Sr. Graça Aranha e todos os patriotas, emfim, que nos querem fazer chotear para a guerra e se deixam atraz, eu podia narrar-a aqui. Mas, só a contaria em um caso: era — se eu falasse dos outros...

Humberto de Campos.

O bode que dá leite. . .

O Bode Leiteiro foi a nota mais posição de Pecuaria; interessante no logico, não no pecuario, pelo intere Ao que peze aos zebús de pe ros caracús e raças vagabundas mas Bode deu a nota; figurou no certam macho!

No respeitavel *aplomb* do seu nerando, achou o Bode que na sua qualidade de mammifero, possuidor de mammas devia dar a essas uma applicação util tão util quanto a que as suas dão ás gentilissimas e caprinas esposas.

Ter mammas e não dar leite, pareceu-lhe um absurdo physiologico; seria o mesmo que ter chifres e não dar marradas, ter dentes e não morder.

Verdade é que o homem, o mammifero superior, o Kaiser da Creação, em materia de leite limita-se a mamal-o, desde que abre os olhos para a vida e prosegue por ella a fóra, sempre em busca de uma nova mamadeira.

Mas o homem, por isso mesmo que é o ser superiormente organizado, é o mais integralmente inutil que Jehovah poz no mundo.

O Bode da Exposição nobilita a raça; não mama; dá de mamar.

O seu leite, a crer na analyse feita pelo Dr. Ernani Pinto, é rico de assucar e de gorduras; é leite para queijo: para o famoso *queijo de bode* dos sertões do norte.

E com que superioridade olha elle as cabras que o namoram!

— Saíam-se d'ahi! vocês não me fazem falta! nem para amamentar os cabritos da familia! Elles hão de crescer e ser bodes de bem, conservando o character que beberam com o leite paterno.

Bode illustre! eu te saúdo. Tú és o orgulho da tua classe. Revolucionas a physiologia e a philosophia

interessante da ex-ponto de vista bio-ssse pecuniario. zo immenso, aos ca-de boa estampa, o en como um cabra

cavaignac ve-



barata dos prover-bios.

« Quem cabras não tem e cabritos vende... não é mais o trampolineiro que a sabedoria dos povos satyrisava.

O teu dono sem ter cabra pode vender cabritos; os cabritos que engendraste em teu seio fertil amamentaste com o teu leite magnifico.

Ave, Bode!

Resolveste o problema da vida para muita gente *prompta*, que agora vae procurar no bode a riqueza sonhada.

Outros irão agora no teu ubre uber-rimo procurar a riqueza—a manteiga, o queijo, o doce de leite.

E deante do teu exemplo fecundo será um conselho

—Notae quantas maravilhas, depois que apparei! Até ja os bodes dão leite! Grande vantagem para *quem cabritos vende e cabras não tem! Basta-lhe um bode!...

de amigo dizer-se a alguém que se queixar de difficuldades da vida:

—Vê-se compras um bode... como o da Exposição...

Dr. Feijão Preto em Londres



Tem sido muito apreciado pelas loiras miss e rubicundos beefs.

Uma pratica gentil

O Lloyd Brasileiro vae ter tambem a sua Sala de Imprensa, imitando, assim, a gentileza do sr. Nilo no Itamaraty.

A boa pratica vae-se generalisando; e esperamos que, em breve, todas as repartições publicas veuham a adoptal-a.

Fala-se que o dr. Fernando de Magalhães será convidado a inspecionar diariamente as varias salas da imprensa, para attender aos reporters que levem *bar-riga*.

Plantou mas a semente apodreceu

Telegramma de S. Salvador:

No quintal da casa denominada Quitandinha, onde se procedia a uma excavação, foi encontrado um caixote com dez contos de réis, em notas desfeitas pela humidade.

Um bohemio commenta:--Eis ahí a inconveniencia da economia! Eu cá para evitar os estragos possiveis da humidade vou logo liquidando o meu...

Referindo-se á Sociedade Vegetariana Brasileira chama-lhe o *Correio* de florescente. Acrescente-se: e já *fructuosa*...

A crise do papel

A crise em toda gente os golpes vibra!
Ninguem della se escapa em tal momento.
Toda a imprensa se queixa; enorme é o augmento
No preço do papel, de trapo ou fibra.

Sóbe o papel não sei quantos por cento;
O preço de uma arroba, hoje é o da libra!
E no dar fôrma escripta ao pensamento
A inteira «escripta» se desequilibra.

Dos poetas é culpado o immenso bando,
Com phrases que não vão ao fim da linha
Papel e mais papel desperdiçando;

Nada de versos, pois! (que sorte a minha!)
Faça-se a guerra aos poetas, ao commando
Do bravo capitão da «Morgadilha»!

D. Xiquete.

Sursum corda I

De uma correspondencia de Trez Corações do Rio Verde para o *Correio*:

“Depois do rompimento de nossas relações diplomaticas com a Allemanha, os moços de Tres Corações, compenetrados de seus deveres de patriotas, correm a se alistar nas fileiras desta sociedade, tendo o numero de atiradores augmentado consideravelmente.

Assim! — factos e não phrases.
Nas actuaes situações,
Precisamos de rapazes
De Trez... ou mais corações.

Mentiras diplomaticas

Com a suppressão do cargo de introductor diplomatico vae-se operar nos habitos do Itamaraty uma mudança radical.

Não haverá mais diplomacia nas introduções.

O continuo dirigir-se-á ao ministro da nação amiga e lhe dirá, batendo no hombro, familiarmente:

— Ora entre! não faça ceremonias! Isso aqui é nosso!

Ou, então, se não sympathisar com o diplomata, dar-lhe-a um empurrão, gritando-lhe:

— Entre, ó coisa! e veja lá se não demora muito!



— O Felizardo Fortuna acertou um inteiro na loteria...

O *Prompto*: Pois eu me contentava com um meio... um meio de mordel-o.

— Você acredita que dá azar o casamento numa sexta feira?

— E porque havia a sexta-feira de ser uma excepção?

PROVERBIOS

D. Quixote dá conselhos a Sancho através de provérbios que são a sabedoria do povo: julga Sancho que a cada verdade proverbial corresponde uma verdade contrária, que destrói a primeira encontrado entre os panos numa escavação histórica. A autenticação por D. Morales de los Rios.



D. Quixote

O que ao corpo a nudez nos reveste
Não nos muda a moral, nem de longe;
Pois de monge quem habito veste
Nem por isso tem alma de monge.

Sancho

Pois eu cá, meu senhor, não sou bôbo
Que as orelhas de burro afivelle!
Quem não quer neste mundo ser lobo
Não se metta de um lobo na pelle.

D. Quixote

Um rifão cuja autenticidade
Não é coisa de que se suspeite
Diz que vem sempre á tona a verdade
Como n'agua uma gota de azeite.

Sancho

Quem tal diz está doido e delira!
Sempre ouvi, desde os tempos de moço!
Que o que fica na tona é a mentira!
E a verdade... no fundo do poço...

D. Quixote

A união nos dará forças raras.
Por que o mundo tranquillo nos deixe:
Se uma a uma se quebram dez varas
Não se as quebram reunidas num feixe

Sancho

Por um prisma distincto é que eu olho,
Vejo o caso, meu amo, diverso
Sei que o trigo emmaçado num molho
E' melhor de cortar que disperso.

D. Quixote

Esperar é virtude do forte,
E' o escudo da vida a esperança
Confiar nos favores da sorte...
Quem espera, afinal sempre alcança.

Sancho

Mas tambem ha quem tenha concluido
Com o exame á razão mais severa,
Que esperar é trabalho perdido:
Quem espera afinal desespera.

D. Quixote

E' feliz quem na sorte confia;
Quem a taes desesperos se poupa;
O que é nosso até nós vem um dia:
Deus dá o frio de accordo com a roupa.

Sancho

São palavras, são ditos, são vozes,
Mas de vozes eu sei diferentes;
Tenho dente? procuro ter nozes:
Deus dá nozes a quem não tem dentes.

D. Quixote

Que te trace a formiga o roteiro;
Não sejaes a cigarra vadia
Que não cuida de encher o cejeiro
E que vive a cantar todo dia.

Sancho

Est modus in rebus. Conselho
Não é esse a um cantor de renome
A cigarra a não ter por espelho,
O Caruso morria de fome!

D. Quixote

Caminhemos, ó Sancho, o dictado
A verdade mais clara reflecte,
Todo o barco que fica parado,
Caro Sancho, não ganha o seu frete.

Sancho

Vêde a onda que avança e recua
Traz no dorso do oceano a salsugem.
Olha o cão que anda muito na rua...
Ou apanha pancada ou rabugem.





ELECCAMPSIAS

Ultimos ecos de uma estação de
aguas... do Piabanha.

Um romance... de espirito.

Dizem que chegou a um extremo ponto de entusiasmo a paixão do riquissimo provinciano (quinze annos de Paris) pela encantadora creatura.

O hotel era commum aos dois.

Volta e meia, porém, o enamorado millionario, em horas de asphyxia sentimental, procurava desalterar a alma em copos fermentes de champagne.

In vino veritas... Em taes momentos, as revelações confiadas pelo galante ricaço aos ouvidos dos seus amigos, que presurosamente tratavam de soccorrel-o, são de tal natureza que não pôdem vir a lume, nem mesmo sob a protecção de um

cavalleiro andante...

Conhecem a musica? O D. Quixote não tem pauta, mas isso pouco importa. A letra é diferente, porém, a musica é a mesma:

Vamos todos,
Vamos todos,
Vamos todos p'r'o Japão!
Quem nos dera,
Quem nos dera
Do Mikado a legação!

A verdade está muito proxima desses versos. O que está longe é o conceito da charada, porque, com effeito, ha ahí uma interessante charada... petropolitana, e tambem de noivos, com uma bonita sogra.

Os altos noivados estão em moda. Altos noivados são os das alturas, isto é, das montanhas. No genero pôdem caber os da Tijuca, de Theresopolis ou de Petropolis. Não cabem na classificação os do morro do Pinto ou da Favella por motivos inteiramente especiaes.

Ha um noivado alto em Petropolis que convém registrar, tanto pela graça da noiva, que mora no serro, como pela persistencia do noivo em subir a cordilheira tres vezes por semana.

Vejam agora como são infatigaveis as más linguas! O rapaz é interprete de uma importante empreza. Ao descer da gare da Leopoldina, a caminho do seu castello encantado, mais de uma serpente murmurava ao vel-o passar:

— Traduttore... trad tore.



Primeiros rumores de uma "rentrée",
como diz o "Pall" "Mall".

Caça ao dote.

Os papeis agora estão invertidos. São ellas (não todas, é claro, e não muitas, graças a Deus), que hoje, em vez delles, se dispõem a fazer um casamento rico.

Le vrai est souvent in vraisemblable.

O caso seria brilhante se não fosse triste.

Ha uma personagem central, que é ella, uma creaturinha realmente encantadora. Andou por toda a parte, como o Bendegó; appareceu, desapareceu e acabou reaparecendo na sua cidade, que é o Rio.

Esteve sempre onde havia a possibilidade de uma fortuna a desposar. O peor, porém, é que taes fortunas andam muito inclinadas ao celibato, principalmente em S. Paulo.

E hoje, voltando á terra dos seus triumphos theoreticos, ella terá que cantar:

Andei por Sorocaba,
Por Jacarépaguá,
Por Pindamonhangaba,
Por Guaratinguetá...

E isso é absolutamente exacto, sendo accessorias as demais pessoas do enredo.



A loura e os louros.

A loura não é nenhuma ca... loura, nem os louros são papagaios.

Ella é mitrada e elles são as honras dos artistas.

A loura, que tem uma cabecinha de sol, resolveu colleccionar nas galerias do seu coração tudo quanto de mais illustre existe nas artes nacionaes.

Quem é ella? Quem são elles?

O caso da loura é um romance e sobre elle voltará a falar o

Cavalleiro dos Espelhos.

NA EXPOSIÇÃO DE PECUARIA



SANCHO — *Porque, esguio senhor, essa gente, com essa crise, não fez, ao envez desta exposição, uma exposição de pecuniaria?*
 D. QUIXOTE — *Porque, amigo Pança, desta exposição, nós comemos e elles comem nessa exposição.*

No barbeiro Ananias

— O cabelo do Doutor está caindo; não experimentou ainda o nosso tónico?

— Não senhor; está caindo por outro motivo qualquer...

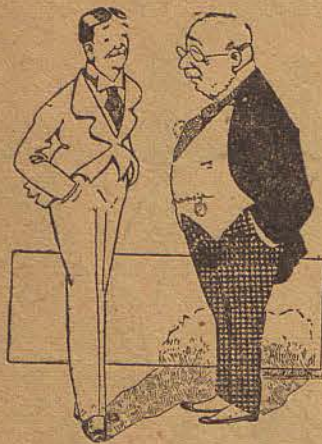
E' uma acção recommendavel perdoar o nosso inimigo, quando elle é mais forte do que nós.

— Como vae o seu pequeno, muito adeantado?
 — Muito, principalmente no inglez; já conhece todos os termos do *foot-ball*.

— A Terra faz diariamente uma revolução completa.

— E' a *Lanterna* do systema planetario...

DIALOGOS DA GUERRA



— Que me dizes da nomeação do Petain para generalissimo dos exercitos francezes ?

— Acho que os *Alliados* terão muitas victorias com Petain: Elle é competentissimo.

Um deputado nortista vae propor uma medida

opportunnissima para o caso de entrarmos em guerra com a Allemanha; substituir os fios telegraphicos por arame farpado, para não deixarem passar os matconigrammas do inimigo.

A Suecia continúa a manter a sua neutralidade.

O que fez o Raul commentar:

Da grande guerra até agora chegou ao povo sueco só o echo.

O *Chemin des Dames* significa tudo para nós! escreve o *Petit Parisien*,

— Até para nós que não estamos na guerra!.

OS ENTENDIDOS

A guerra creou uma nova classe de escriptores: a dos tacticos e estrategistas.

Todos os jornaes tem os seus e seria interessante comparar o que elles prevem com o que de facto se realiza.

O tenente Nogi, por exemplo, toda vez que prenuncia que a guerra está por pouco, entra mais um paiz para o grupo belligerante.

Lendo ha dias uma de suas chronicas, um amigo nosso observou: — é interessante como esse escriptor photographa bem os acontecimentos; é pena que só se aproveitem os negativos de suas chapas...

ROOSEVELT, GENERAL DE CAÇADORES

Funcionarios superiores do Exercito Americano pediram ao Presidente Wilson que opponha o seu veto á autorização concedida ao Sr. Theodoro Roosevelt

para organizar e commandar uma expedição de voluntarios que deveriam seguir para a França.

Allegam aquelles funcionarios que a criação dessa divisão viria desorganizar os planos de formação do Exercito regular.

A GUERRA NA «ZONA»...



ES TEMPOS: — Isso é uma historia antiga: aquelle rapazinho com uma pedrada deu com o avantajado, chamado Golias, vulgo Gigante. Se eu entrasse na encrenca da guerra como Golias, engulias uma sardinha...

E' que o Roosevelt, com certeza, não explicou que o seu corpo de Exercito será composto de batalhões de caçadores...

O coronel que é o terror dos leões da Africa e dos capivaras de Matte Grosso, irá caçar as feras das grandes *menageries* de Hamburgo,

Isso não atrapalha o serviço regular do Exercito!

A CURIOSIDADE SCIENTIFICA

O medico no hospital de sangue ao ferido que volta do *front*: — Disse-me você, meu bravo rapaz, que a bala lhe entrou na perna pela frente e saiu por traz; diga-me agora, para eu registrar nas minhas notas — quando sentiu você maior dor, á entrada ou á saída da bala?

O BELLO HÓRRIVEL

Esta estranha mulher, que causa medo Se nos olha, é, no entanto, irresistivel! Que profundo psychologo o segredo Desvendará dessa attracção terrivel?

Dizem que quem a viu, mais tarde ou cedo, Dos seus caprichos ha de por-se ao nivel. Magia, phyltro, talisman, bruxedo, Algo ella tem no olhar, incomprehensivel!

Ao vel-a, eu que amo o encanto da belleza, Tremi de horror do seu perfil satanico, Mas logo a amei, com pasmo e com surpresa!

Lutei debalde, entre a paixão e o panico. Mas nada poude a minha «fortaleza» Contra o *canhão* «42» germanico!...

D. Xiquote.

O ALCOOL NA GUERRA

Reza um telegramma de Washington para o *Imparcial*:

«Causou profunda surpresa nas rodas politicas o acto do Senado, eliminando do projecto para repressão da espionagem o artigo que prohibia a venda de bebidas alcoolicas aos soldados.

O projecto foi approvedo por 77 votos contra seis. O artigo que prohibia a venda de alcool aos soldados fóra approvedo na vespera, em segunda discussão, por 38 votos contra 32. No dia seguinte, esse mesmo artigo foi rejeitado por 47 votos contra 37».

E' que, reflectindo melhor, os senadores *yankees* chegaram á conclusão de que o alcool presta os seus serviços nas batalhas.

Entre nós é commum, quando um individuo da zona estragada pretende estragar um collega, ir antes á tendinha da esquina «beber coragem».

Quanto ao facto do alcool fazer os soldados perderem a cabeça, isso não é uma razão: as granadas tambem têm o mesmo grave inconveniente e ninguem se lembrou ainda de prohibil-as nos campos de batalha.



Cochilou e caiu...

Parece titulo de noticia de algum sujeito que cochilou e caiu do bonde, mas não é. Garanto que não é. Garanto e provo, o que é raro. Quem cochilou e caiu n'um engano foi o nobre visconde de Santo Thyrso, que collabora no *Paiz*. Este visconde, apesar do viscondado, escreve bem. Gritemos isto bem alto, porque é prenda rara em viscondes. Pois, senhores, apesar de escrever brilhantemente, o nosso Santo Thyrso, na sua ultima chronica do *Paiz*, soltou esta:



«Na mulher, o ciu-me é apenas um resultado da monogamia. E' um sentimento desconhecido da mulher oriental, que aliás o vai concebendo ultimamente pelo derramamento das idéas occidentaes, se dermos credito ao que nos conta o roman-cista francez Paul Bourget no seu secantissimo romance "Les Désenchantées"».

Protestamos em nome da verdade e em nome de Bourget. *Les Désenchantées* é de Pierre Loti. O nobre visconde talvez seja muito amigo de Loti e queira por isso livral-o da responsabilidade do «seu secantissimo romance, » atirando a sobredita responsabilidade ás costas de Paul Bourget. Protestamos contra semelhante deshumanidade, porque, em questões de séca e massudice o Sr. Bourget já tem grandes culpas no cartorio. Para que atirar-lhe mais essa?... Deixe lá em paz o homem...

Que estomago!

Alexander de Albuquerque, doutor de Coimbra, faz em um dos nossos matutinos uma *Secção Portuguesa* na qual conta diariamente uma anecdota bem lusitana. Ha dias quem lhe forneceu assumpto foi Fialho de Almeida. Em 1885 ou pouco depois, Fialho, que começava a vida em Lisboa, foi uma madrugada, em companhia de um amigo mais ou menos litterato, ceiar a uma

tasca de infima classe. Pediram chocolate, pão e manteiga, que o criado lhes trouxe lestandamente.

Agora tem a palavra o litterato amigo urso do grande Fialho:

«Depois escolhendo um dos pães, abri-o (Fialho) e mostrou-me a immundice amarela que o barrava interiormente:

— Veja que belleza de manteiga: até parece ramela... E rindo, improvisando facecias, dizendo as mais pittorescas monstruosidades, Fialho comia e bebia deliciadamente como se estivesse a ceiar no palacio da duqueza de Palmela».

Que horror! Devia ser pavorosa a manteiga no palacio da Sra. Duqueza de Palmella, com seiscentos Albuquerque!

Contei ha poucos dias esta historia ao Sr. Cardeal-Arcebispo, que a ouviu com toda a attenção e, calado como estava, permaneceu de olhos fitos no tapetê vermelho do seu aposento prelaticio. Vendo-o tão meditativo, interroguei-lhe:

— Que pensa, Cardeal

— Em quanto é diferente o estomago em Portugal, respondeu S. Eminencia.

Julio Dantas deve ter tido uma syncope em Lisboa. Esperem pelos telegrammas e verão...

A Flexa

E' um jornalzinho miudinho, da Bahia, pequenininho, noticioso, critico, humoristico, litterario sportivo e annuncioso.

São quatro paginas que o sr. Barbosa Lima, se lhe desse na veneta, faria engulir ao redactor chefe, em uma pilula unica.

Pois apesar de tão pequenino cabe no jornalzinho bahiano que nos entra pela redacção com os cumprimentos do estylo, coisas grandes como estas: «REFLEXÕES—Si penetrarmos nos conhecimentos da psychologia humana, buscando estudar a maledicencia costumeira ao ser humano que sempre ás pégadas da entidade psychica vem obumbrando a luminescencia da «aura» austral, vemos em turbilhões convulsas paixões bestiaes recrudescer intoxicando a mentalidade pervertendo os instinctos, ferocificando a personalidade, despertando do lethargo as particulas selvaticas da primitividade antropológica que apesar da serie de reincarnações ainda não se despojaram do mal;—civilisa-

OS CRITICOS

II

O. D. E.

Este é o ranzinza mór, porém no bom sentido. Monta guarda á pureza e á precisão do idioma. E' o espectro do imbecil, o horror do presumido; Contra elle a arraia miuda o odio que tem não doma.

Geninhos da Garnier, geniões de ar succumbido, Poetinhas de salão, poetarrões de redoma Que deturpam a lingua, ai delles! é sabido: O cacete é aphorismo e a cacetada é axioma.

Mas este foge a lei (que aliás é conceituosa). De que a critica faz só aquelle que, perverso, De produzir, o orgulho e a delicia não goza.

Da penna o bico traz, no vernaculo, immerso Se a sabe esmerilhar, sabe polir a prosa, Se o sabe criticar, sabe compor o verso.

GASTON D'ARGIL.

O perigo do trocadilho



... E o garoto explicou:

Elles dois vinham conversando, quando aquelle que vae lá disse: O Wencesião poz o Deçanha no exterior para conseguir Riunil-o e este pegou e desmaiou.

ção!--visão mentirosa, enganadora imagem que nos sorri nos areaes adustos da estrada arida da vida—o homem é sempre a mesma fera envolta no rotulo da fama—civilisação! promessa rosea a uma espiritualidade negra, dulcida illusão de sonhos virginaes.”

Uffa! Se a *Flexa* tão pequenina já tem dessas *re-flexões*, imagine-se quando crescer e fôr um *flexão*, das grandes.

Quem é que pode com a vida della?!

Um novo immortal

A Academia de Letras acaba de eleger seu novo membro, ao Dr. Luiz Guimarães, o applaudido autor de uma pagina do *Quo Vadis* — a pagina em branco, antes do titulo — e dos *Samburás de Mendubis* que que muitos teimam em chamar *Cambucás e Sambaquis*.

O *Imparcial* publicou, ha dias, um bonito soneto de um outro livro do novel immortal — *Pedras de Amolar* — E' o que abaixo transcrevemos:

ONIX

E' a pedra tumular. Possui no brilho
Os tons tristonhos, o fulgor ethereo
Da lagrima de mãe que ao cemiterio
Vae levar o cadaver de seu filho.

Se o topazio recorda um grão de milho
O onix é a pedra do segundo Imperio;
As faiscas que tem, de surto aereo,
Lembram a Light quando sólda o trilho.

Nossa senhora, se Jesus é morto,
Ninguem a vê a soluçar no Horto!
Quando S. Pedro murmurava — Oremos!

A vida é um sonho, a mocidade é um riso,
E o onix é a pedra que no Paraizo
Relembra a côr das illusões que temos!

Devemos á gentileza do Dr. Afranio Peixoto, um outro soneto do mesmo livro e que abaixo damos, aos leitores, em primeira mão:

ESMERALDA

Pedra verde — esmeralda — que se esméra
Em dar ao verde a forma crystalina
Retratas o capim de uma campina
Ao sol primaveril da Primavera.

Esmeralda... esperança... o sonho a espera...
De ter do amor a doce luz divina
O' pedra do Doutor em medicina!
O' illusão, ó sonho, idéal chimera!

Teu brilho irial o tempo não consome!
E quando o sol na serraria escalda,
E quando a lua de manhã se some

E's a pedra purissima e sem balda
Que nos fazes lembrar a fama e o nome
Da manteiga purissima — ESMERALDA!

Estrategias

«D. Quixote» cientista

As molestias da fome, do frio, do fogo e do raio!

Isto dito aqui, em um jornal humorístico, é preciso certo esforço para convencer o leitor de que não se trata de pilheria.

Não é pilheria. Trata-se de um documento official e até «polyofficial», — se quizerem, pois é um documento internacional, obra de cientistas de todos os paizes, reunidos em Congresso em Paris em 1910, com o objectivo unico de «corrigir» os defeitos de linguagem na parte que se referia á denominação das molestias.

E esse benemerito Congresso redigiu um Codigo Internacional, actualmente em vigor, que reza o seguinte:

«Molestia n. 177—Fome»; «n. 178 frio», molestia n. 182: «homicidio por arma de fogo»; molestia n. 155: «suicidio por veneno»; molestia n. 185 «fracturas»; molestia n. 161: «precipitação de lugar elevado»; molestia n. 166: «incendio»; mas onde a propriedade de linguagem chega ao cumulo é aqui:

— Molestia n. 180: «Raio»!...

Que tal?

Como «correção de linguagem» achamos que aquelle douto Congresso não podia ir além...

E ainda ha quem pense que na sciencia official não haja assumpto para *D. Quixote*!

Dr. Sancho.

Foi o papa Pio II quem decretou, em Concilio, a existencia da alma nas mulheres. Só dois seculos depois é que se tornou artigo de fé a infallibilidade dos papas.

Quando não comprehendemos as coisas é que tentamos defini-las; a evidencia define-se por si mesma. Adão teve o amor exclusivo de Eva até o dia em que ella descobriu que no Eden havia um regato onde se mirar.

A paz «separada»



— O jantar não está mão; mas achei um pouco queimado o chocroute.

— Talvez effeito do molho inglez.



— Fenho receber a gonta to fchopes...

— Meu marido está fóra... O sr. não podia voltar... depois da guerra?

O carvão nacional

é uma mina!

Reunidos em concilio tridentino, isto é, de tridente em punho, os deuses que superintendem os destinos financeiros deste paiz agricola e carbonifero, encarregaram os ministros da viação, exterior e fazenda de estudar as providencias para attender aos problemas do carvão nacional.

Vão começar as reuniões em que os altos luminares da sciencia economica lançarão phrases brilhantes, conceitos lapidares sobre as vantagens da hulha indigena sobre o cardiff britanico.

Ficará demonstrado que se algum defeito possui o nosso carvão é o de não ser de idade bastante remota; porque a nossa bacia carbonifera se resente de ser relativamente recente. E' pena. Com mais alguns milhares de annos o carvão patricio passaria a perna em pureza e eficiencia ás mais antigas jazidas da Pennsylvania ou da Escossia.

Mas não é esse inconveniente de maior monta ou que faça receiar pelo futuro de nossa industria carbonifera.

Quando os ministros acabarem de discutir as vantagens do nosso carvão, elle já terá chegado á idade conveniente para ser explorado e vendido a peso de ouro ás cinco partes do mundo e — quem sabe? — ao mundo da lua...

A alguém que falava dos prejuizos causados pelo alcool, um bebedor replicou, citando o incalculavel numero de victimas que tem feito a agua. E acrescentou: — Basta ver a lista dos navios afundados na presente guerra.

Um sujeito escreveu, com a mão esquerda, uma carta anonyma e depois com a direita sobre o Evangelho, jurou ignorar qual o autor da infamia.

E a sua consciencia religiosa estava tranquilla; porque é o proprio Evangelho que manda a dextra ignorar o que faz a sinistra.

A primeira carta anonyma

Ainda bem. *D. Quixote* entrou com o pé direito na arena do jornalismo, da chapa velha.

Já recebeu a sua primeira carta anonyma e estas—pasmem os leitores—em vez de descompostura, traz-nos, além de amáveis cumprimentos, uma boa piada authentica que merece as honras da letra de fôrma.

Ahi vae a carta, com os nossos agradecimentos ao gentil missivista:

«As cartas anonymas são, por via de regra, insultuosas. Mas ha excepções. Esta, por exemplo.

Acabo de ler, de um folego, o primeiro numero do engraçadissimo *semanario* o *D. Quixote*, que pôde ser lido até num *seminario*. E' o que, aliás, toda a gente já esperava: primoroso, em todos os sentidos. Os meus parabens, pois. Aceite-os ou não os aceite, aqui lh'os deixo. *Et par dessus le marché* a seguinte anecdota, «authentica», passada em nossa casa.

Arranhando *um pouco* o francez (eu e minha mulher) aceitámos, a pedido de um amigo, uma *bonne* rapariga parisiense, de Pontoise, aqui chegada ha dous mezes, apenas.

Hoje, mostrando-lhe o *D. Quixote*, disse-lhe eu:

—C'est une revue, vient de paraître.

Ella, lendo o titulo:

—*D. Quixote*... il a, aussi, un roman...

—L'avez-vous lu?

—Ah! Fi! Un roman de cuisinière!...

—Comment, de cuisinière?...

—Certes! On m'a dit que c'était un roman de *servante*.

Communicam da Parahyba que nos algodoeiros do estado não ha lagartas rozadas.

Nem em Pernambuco, dêz que o Dantas despediu o Roza.

Segundo nos informa um matuto de Cabrobó as lagartas todas do estado são actualmente cor de... *abórba*.

O chiquismo

—O Brederodes, repara neste casal de mulheres.

O sr. Limoeiro fiscal do imposto de consumo prendeu ha dias varios menores que vendiam fumo desfiado sem sello.

---Sem *sel-o*? Era com certeza fumo picado...

---Dizem na Faculdade de Medicina que o exame da cadeira do Leitão da Cunha é o mais apertado, porque nelle não vale o pistolão:

---Entretanto para as outras cadeiras o Leitão dá *cunha*.

Tinta activa de suicidio

A proposito de um sujeilo que tentou suicidar-se na rua de S. Pedro n... ingerindo uma garrafa de tinta de escrever

Não lhe corria serena,
Como elle a sonhára, a vida;
E vae o triste suicida,
Mergulha na tinta a *pena*.

E afoga a *pena* que, emfim,
A existencia se lhe pinta
Mais negra que a propria tinta
Negra da cor do *nankim*.

Como atrazada estaria
A vida do cavalheiro,
Que gastou todo um tinteiro
Para pôr a escripta em dia!

Pôz de tinta uma caudal
Na penna da consciencia,
Para pingar na existencia
Um grosso ponto final.

Da morte no labyrintho
Quiz entrar. Misero louco!
E tinto por dentro, em pouco,
Ser chamado: pobre *extincto*.

Por se julgar infeliz,
Do seu desespero em meio
Ao ver um tinteito cheio,
—Eureka! o misero diz.

E' que o destino presago
Aos olhos se lhe apresenta;
Tanta tinta o tonto tenta,
E eil-o que a engole, de um trago.

O triste geme de dor,
Que não ha drogas que a domem;
E para salvar o homem
Mandam chamar o doutor.

E o caso ao medico pinta
Um parente:—o pobre moço
Ingeriu, depois do almoço,
Meia garrafa de tinta.

Exclama o doutor:—então,
Vou receitar sem demora:
Dê-lhe a tomar de hora em hora
Um papel... mata-borrão.

VICTORINO - O PREGUIÇOSO

Victorino era a preguiça em pessoa; o trabalho para elle era a pena maior que a imaginativa divina podera conceber para castigar Adão e Eva da gulodice paradisiaca.

Desde menino elle fôra assim: não estudava por preguiça, mas tambem não se divertia nem fazia travessuras, como as creanças da sua idade; deixava-se ficar na cama, até altas horas do dia e era um sacrificio o ter de levantar-se para o almoço.

A principio os paes procuraram corrigir-lhe o defeito; foi debalde: aquillo em Victorino era mais que um vicio, mais que uma molestia: era a sua propria natureza. Por fim todos em casa habituaram-se a vel-o sempre molle, bocejante, a espreguiçar-se pelos cantos e já, se alguém se lembrava de incital-o ao movimento e dizer-lhe--- Victorino, vamos! isto tambem é demais! trata de fazer alguma couza, corre, move-te, creatura!-- logo a mamãe intervinha, complacente e bondosa:--- ora deixem o menino! vocês já sabem que elle é assim... Vae, meu filho, vae te deitar.

Outra cousa não queria Victorino: refestelava-se na cama, em pleno dia, com o sol no zenith, emquanto a natureza toda vibrava no trabalho intenso, em plena explosão de actividade e de vida.

Assim foi Victorino crescendo e fazendo-se homem.

Com os annos foi-se-lhe a preguiça solidificando, formando uma indesbastavel e espessa crosta, que o defendia contra todos os possiveis ataques do trabalho.

Victorino, por preguiça, não namorou, nem amou; como o odio requer vibrações de cellulas nervosas, esforço de imaginação, impulsos cerebraes, Victorino nunca odiou, por preguiça.

Morrendo-lhe os paes, quando elle já passara a casa dos vinte, viu-se o nosso heroe protegido contra as difficuldades da vida, por uma pequena fortuna que elles lhe deixaram; um seu tio, homem probo e bondoso, encarregou-se do inventario, poz em ordem os papeis, providenciou para que o rapaz não fosse prejudicado na herança, sem o que a preguiça o teria deixado sem vintem.

E assim foi por muitos annos vivendo o nosso heroe, em companhia do tio, que, conhecedor dos habitos do sobrinho, providenciava para que nada lhe faltasse e nada dependesse do seu esforço pessoal.

O velho tio arrebentou um dia com uma syncope cardiaca e o pobre Victorino, orphão mais uma vez, deixou-se ficar em casa, preguiçosamente, emquanto os seus parentes iam tratando de tirar o melhor partido da situação, quanto as apolices e aos titulos que o velho deixára.

Desta vez não houve quem protegesse o desgraçado; carregaram a fortuna do tio, liquidaram o inven-

tario, como lhes aprouve e, porque a preguiça não permitia a Victorino o dar sequer um passo para tratar dos seus negocios, dentro de pouco tempo os seus proprios haveres pessoas estavam liquidados.

Batia-lhe a miseria á porta e os amigos e parentes foram-lhe fugindo aos poucos.

Um certo dia o creado, unica pessoa que então o acompanhava, vendo perigar o ordenado do mez, despediu-se, levando alguns objectos de valor como pagamento; Victorino viu-o sair. Mas, por preguiça, não protestou nem lhe tomou os objectos.

Sosinho, elle viu que era necessario providenciar para não morrer de fome; mas a preguiça era muita e elle deixou as provideneias para amanhã; passou-se assim o resto do dia; veio a noite; Victorino dormiu, como de costume e na manhã seguinte com o estomago vazio, fez uma tentativa herculea para levantar-se.

Qual! Ainda era cedo; mais tarde elle se levantaria para tratar do almoço e tomar uma solução definitiva.

Passaram-se horas sobre horas; novamente veio a noite; Victorino que tinha esplendida saude, resistiu galhardamente áquelle jejum... Dois dias sem comer! Mas ao fim delles, a fraqueza prostou-o. Agora já lhe era impossivel deixar a cama; alem da preguiça organica, as forças já lhe começavam a faltar. Victorino caiu n'um colapso, sem sentidos.

Na seguinte manhã, os vizinhos, notando que havia já dois dias que a casa se conservava fechada e sabendo que Victorino não era homem para viagens imaginaram que uma desgraça lhe tivesse acontecido e penetraram na caza.

O nosso homem jazia no leito, frio, rigido, branco, como morto.

Esquecia-me dizer que essa historia passa-se numa cidade da roça, no interior de Minas; na roça toda gente é mais ou menos auctoridade e medico; assim, ninguem pensou em communicar ao delegado e ao juiz de paz o estranho facto. Reunidos em conselho, os vizinhos concordaram, a vista de todas as apparencias exteriores que Victorino era cadaver; e assim o levavam a crer a côr macerada das faces, a rigidez dos membros e a paralyção cardiaca.

Cumpria fazer o enterro e quanto antes, para evitar que os microbios da preguiça se espalhassem pela cidade.

Metteram o corpo n'uma rêde, segundo o costume da terra e levaram-no para o cemiterio, distante uns

(Continuúa na pag. seguinte)

Qu'on s'amuse



Pour les Jeunes Filles :

Rien n'est plus agréable,
 Quand on va promenant,
 D'entendre, l'air aimable,
 Voltiger les compliments.
 D'un doux frisson qui passe,
 On ressent le plaisir,
 Et si l'on dit: de grâce,
 Monsieur... voulez-vous finir...
 Le geste est si coquet,
 Qu'il invite à recommencer.

(Au refrain)

Pour les Fiancées :

Quand viennent les fiançailles,
 Près de l'époux choisi,
 Sans crainte qu'on vous raille,
 Soyez, gaïement, sans souci.
 Parlez, Chiffons... Toilettes,
 Bijoux... et cétéra,
 Et puis fait's vos emplettes...
 Sans d'mander qui les paiera...
 Car, aussitôt mariée,
 Trop vite, entendrez : c'est assez !...

(Au refrain)

Pour les Mamans :

Enfin, quand toute heureuse,
 D'être petit' maman,
 Vous entendrez..., joyeuse,
 Complimenter votre enfant.
 Si, d'un long regard tendre,
 Vous voulez remercier,
 N'allez pas vous défendre
 De ce geste tant coquet :
 Qui vous f'ra... tapotant...
 Les gross's joues-joues de Bébé riant.



Coquettes, soyez coquettes,
 Sous vos chapeaux, faites risettes...
 Coquettes, soyez coquettes,
 Et moquez-vous
 Des r'gards jaloux.

Soyez Coquettes

*Chansonette sur l'air de «Mariette»
 «Ma p'tit Mariette».*

Coquettes, soyez coquettes,
 Sous vos chapeaux, faites risettes..
 Coquettes, soyez coquettes,
 Et moquez-vous
 Des r'gards jaloux.

dois kilometros do local, seguido de um reduzido cortejo, que commentava com um irreverente bom humor a morte do pobre Victorino.

Em meio do caminho, o cortejo passou pela porta de uma fazenda; com sóe acontecer na roça, logo trabalhadores, camaradas e a petizada accorreram curiosos, á estrada, a saber de quem era o enterro, imaginando algum crime.

O coronel Paiva, dono da fazenda, veio ver tambem e quiz saber quem era o defunto.

—E' o Victorino, o Victorino preguiçoso; morreu de fome, por preguiça...

—De fome? será possível! exclamou o coronel e acercando-se da rede, abriu-a e examinou o corpo.

(Termina no proximo numero)



Elysa Santos, a alegre e saltitante artista da companhia Henrique Alves, a quem a critica suspeita dos gabirús tem pretendido fazer estrella antes de tempo.

Tem merito e chegará com o tempo e estudo a ser uma primeira dama.

Brevemente a veremos crear um papel de responsabilidade na opereta Ver e Amar... que será levada no Recreio, quando regressar de S. Paulo a companhia Alves.

Será uma prova solemne dos seus meritos como actriz nova e de grande futuro.

Surgiu no theatro e depressa
Foi chamada—grande actriz—
E ella mesma diz:—hom'essa!
Mas que diabo foi que eu fiz?

E' de facto uma promessa
Brilhante, — como se diz —
Nos papeis de qualquer peça
Sabe onde mette o nariz...

Ha de ir longe. Feche ouvidos
Da lisonja á futil voz
E ouça a voz dos entendidos.

Que um dia havemos de vel-a,
Sem ser por mão dos coiós
Ir ás alturas de Estrella.

M.

Rir ou chorar

A proposito do successo que está fazendo no Carlos Gomes a companhia Barbosa & Marzullo, remontando os dramalhões de meio seculo passado, pergunta o critico da *Rua*, se o publico quer rir ou chorar?

O publico quer rir ou chorar respondemos nós; sorrir ou commover-se...

O que elle não quer é pagar o seu rico dinheiro e ficar duas horas num theatro como no jogo de prendas, deante do Senhor São Roque; sem se rir e sem chorar ..

Fez successo no Republica a Senhorita *Tralalá*.
Mais uma victoria do theatro de trololó.

A *Bell Family* deixou o Recreio, sendo substituida pela *Fatima-Miris*.

O Loureiro quiz ver se com esse transformismo consegue mudar as cadeiras vacias do Recreio em cadeiras occupadas por espectadores pagantes.

E, *mutatis mutandis*, os camarotes e as frizas, é bom frizar...

DO PANNÓ P'RA FÓRA...

S. JOSÉ

Adão e Eva. A peça continúa
A chamar gente para o S. José,
E a banda do Paschoal, coitada, sua.
Batendo o largo do Rocio a pé.

Adão e Eva?
Isso é um peção!
Publico l'eva,
Por isso a dão.

RECREIO

Temos a *Fatima Miris*
Que é um *Fregoli* de saias;
Espectador quando a vires
De puro espanto desmaias.

Que essa mulher, (diz a critica
—Vel-a vale os tres mil réis).
Não é no Brazil politica
E faz... oitenta papeis!

PHENIX

A *Bell* saiu do Recreio
(Não Abel, o bilheteiro)
No Phenix procura o meio
De ver o cobre vasqueiro.

O empresario ao morro sobe
Do Castello,—ao *Laus-perennes*—
A ver se o boneco *Boby*
Desorucubaca o *Phenix*.

REPUBLICA

Cantarolas hespanholas
Sem castanholas,—viennenses—
Regulam todas as molas
E todos os seus pertences.

Um bom comico—*Barreta*—
Uma cantora—*Aida Arce*—
E' pouco para opereta?
Peçam mais que ha *d'ahi dar-se*.

TRIANON

As *Flores da Sombra*, flores
De delicado perfume
Ao Dr. Fróes dão valores
E os applausos do costume.

Mas tendo assestado a mão
Numa peça nacional,
Volta o Fróes a *traducção*
Do repertorio ancestral...

PALACE-THEATRE

Una pessima bonita
Ma u popo no ven cá
Aprete a ver a fita
No cinema da *Avenita*,
Qu'ouvi drama no patuá.

BEBAM

CAHAMBÚ

RED-STAR

Moveis do mais bello estylo
ELEGANCIA — CONFORTO — DURAÇÃO
 VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES

Os noivos que visitam a RED-STAR -- dão com isso a primeira prova de economia e bom gosto do casal.

RUA GONÇALVES DIAS N. 71 ≡ RUA URUGUAYANA N. 82

TELEPHONE : 3987 C.

A ESSENCIA PASSOS

É o maior depurativo do sangue

CONHECIDO DESDE DE 1878

É o primeiro e o unico que cura a syphilis

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rapida nas loterias e offerece mais vantagens ao publico.

MATRIZ :

RUA DO OUVIDOR, 151

FILIAES :

Rua da Quitanda, 79; rua General Camara, 363; rua 1.º de Março, 53 e Largo do Estacio de Sá, 89.

Nos Estados: S. PAULO, rua São Bento, 15 A — E. DO RIO, Campos, rua Treze de Maio, 51 — Macahé, Avenida R. Barboza, 123 — Petropolis, Avenida 15 de Novembro, 848.

Conhecimentos Uteis e Inuteis

A ELECTRICIDADE De um curso da Academia Scientifica de Estudos Altos □ □ □

Electricidade é uma força cara, de grandes applicações na industria, no commercio e nas artes.

Embora esta definição não contenha todo o definido, é a melhor que temos á mão.

Edison, o *Great mixer* americano, confessou uma vez ignorar o que fosse a electricidade; modestia de sabio ou zelo de profissional, que não admite que se metta o pé em sua seara: e faz muito bem.

Em compensação, certo diplomata que ha annos nos visitou assim a definiu: « Electricidade é uma força desconhecida que chupa os bondes do largo do Machado ao largo da Carioca, tanto na versa como na vice-versa ». Esta definição perdeu muito de valor depois que a Jardim Botânico levou os seus bondes até ao Leblon, ao Leme, etc.

Obtem-se electricidade friccionando um bastão de vidro com um pedaço de lã. Este processo, porém, apesar de muito barato, não se prestava á tracção de vehiculos pesados: inventou-se então o dynamo, de onde se deriva a dynamite que tambem move os bondes, mas de baixo para cima; tem, entretanto, o inconveniente de fazer muito barulho e de incommodar os passageiros. A dynamite só é empregada em tempo de grêve.

A electricidade tambem se emprega nos telephones; instrumento inventado por um medico para fazer molestias do coração, neurasthenias, febres biliosas e outros males desta sorte.

Ha diversas especies de electricidade: a de 1ª qualidade, que anda com uma velocidade espantosa: é empregada pelos raios, pela Great Western e pelo Congresso, na votação dos orçamentos; a de 2ª qualidade, usada pela Light nos bondes de Botafogo depois da meia noite; ha, finalmente, a de 3ª, ou refugo, empregada no Telegrapho Nacional por medida de economia.

Querem alguns que esta ultima especie seja electricidade em segunda mão, comprada pelo governo aos inglezes, depois de já ter servido nos telegrammas da Western; outros dizem que é electricidade de corrente aphasica, alterna mas inactiva.

Não esqueçamos entre as applicações desta força maravilhosa o telegrapho sem fio, que tem a vantagem de não estar sempre com as linhas encostadas, como o telephone.

A electricidade serve ainda para negociações rendosas de estradas de ferro, para a fabricação de bachareis e para outros fins ainda menos confessaveis.

As medidas mais usadas na electricidade são o volt, o ampère, o ohm.

O volt que aqui chamam volta, não deve ser confundida com as voltas que o mundo dá, nem mesmo com as voltas que dão as rodas do vehiculo.

O volt mede a differença de potencial. Actualmente, porém, as differenças entre as Potencias medem-se a tiros de canhão 42 ou 75... E' mais eficiente.

O ampère serve para calcular a intensidade de corrente; electrica, bem entendido. A corrente da opinião publica, por exemplo, utiliza-se da urna, me-

didã de capacidade, até hoje incapaz de um bom funcionamento.

O Ohm é medida de resistencia. Por isso é que se diz: — um ohm é um ohm, um gato é um bicho.

Ohm é igual a ampère, quando ohm tem filhos.

Mas isso é em francez. Em portuguez o ohm tem a resistencia sufficiente para não levar desaforos para casa. Na proxima lição trataremos dos bons e máos conductores.

L. Trocista.

A Mascara do Riso

De Raul, o nosso illustre colaborador, recebemos "A Mascara do Riso" these com que o autor concorre a cadeira de Anatomia Artistica da Escola de Bellas Artes.

E' um estudo cuidado e interessantissimo sobre o Riso, em que o autor mostra, a par das suas observações de artista e humorista, fartos conhecimentos scientificos, bebidos nas melhores fontes.

A these é escripta no leve e corrente estylo que caracteriza os trabalhos de Raul.

Estamos certos de que com a "Mascara do Riso" Raul não precisará perguntar á banca examinadora:— vocês me conhecem?

Todos o conhecerão e reconhecerão merecedor de occupar a ambicionada cathedra.

O sr. Flavio da Silveira, desapontado porque o cardeal Arcoverde não accitou a cadeira de intendente que s. ex. lhe offereceu, vae offerecer a primeira vaga de deputado ao director da Light.

Manias... manias...

A sciencia allemã

Diz uma correspondencia de Londres que os allemães estão se vendo em grandes difficuldades para organizar novos corpos de exercito, devido a defficiencia de homens que se faz sentir em todo o paiz.

— Ora! commenta um germanophilo, a sciencia allemã, é omnipotente; com a guerra os laboratorios não pararam; ninguem se admite que assim como os allemães conseguiram succedaneos para a gordura, o trigo, a borracha, acabem por encontrar tambem um succedaneo para... homens.

E um outro additivo:—já ouvi dizer que um sabio de Tubingen descobriu uma machina para precipitar o crescimento das crianças do imperio, durante a guerra.

Se realmente existe uma vida anterior, que horrosos crimes teriamos nós commettido durante ella, para que fossémos condemnados á pena de nascer!

--- Jacob era analphabeto.

--- Porque?

--- E' da Biblia: Jacob amava a Rachel e não Lia.

Luiz Peixoto, o querido caricaturista e escriptor de theatro, montou agora uma fabrica de vidros.

Essa idéa lhe veiu depois de muito reflectir sobre a fragilidade das coisas humanas em materia de arte e literatura.



LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL



COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRAZIL

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo Federal ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy 45

Sabbado, 26 de Maio de 1917

As 3 horas da tarde -- 300 - 41.

100:0000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

Grande e Extraordinaria Loteria de São João

EM TRES SORTEIOS

**Sexta-feira, 22 de junho, ás 3 horas da tarde e
Sabbado, 23 de junho, ás 11 e 1 hora da tarde**

326 - 4°

1° Sorteio. 100:000\$000

2° Sorteio. 100:000\$000

3° Sorteio, , , . . . 200:000\$000

Total dos tres premios maiores 400:000\$000

Preço do bilhete inteiro 16\$000 em vigesimos de 800 rs.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais \$700 para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes, NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94, caixa n. 827, Teleg. LUSVEL, e á casa F. Guimarães, rua do Rosario n. 71, esquina do becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1.273.

